

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: ENTRELACANDO GEOGRAFIA E LITERATURA A PARTIR DA OBRA “SATOLEP” DE VÍTOR RAMIL

Victória Sabbado Menezes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

victoriasabbado@gmail.com

Nestor André Kaercher

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

nestorandrek@gmail.com

Resumo

O artigo versa acerca das possíveis relações que podem ser tecidas entre Geografia e Literatura no contexto escolar. Ao partir do entendimento que ciência e arte são complementares, sua articulação em sala de aula contribui para a formação de sujeitos capazes de ler o mundo criticamente em sua complexidade. Por meio de uma revisão bibliográfica, foram elaboradas as considerações teóricas, bem como construída uma análise da obra “Satolep”, de Vítor Ramil, com o intento de apresentar uma proposição para o ensino de Geografia ancorada na interface entre Geografia e Literatura. Assim, tal proposição evidenciou suas potencialidades como a criação do imaginário geográfico, o estudo do lugar e a possibilidade de pensar a condição humana. Portanto, entrelaçar Geografia e Literatura no ensino de Geografia é um caminho profícuo para poetizar as aulas e ressignificar as práticas pedagógicas visando uma formação sensível e humanizadora no espaço escolar.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Ensino.

BETWEEN REAL AND IMAGINARY: INTERLACING GEOGRAPHY AND LITERATURE FROM THE WORK “SATOLEP” BY VÍTOR RAMIL

Abstract

This article discusses the possible relations created between Geography and Literature in the school context. Starting from the understanding that science and art are complementary, their articulation in the classroom contributes to the formation of subjects who are capable of critically reading the world in its complexity. Theoretical considerations were elaborated by employing a bibliographic review, as well as an analysis of the work “Satolep” by Vítor Ramil, to present a proposition for the teaching of Geography anchored in the interface between Geography and Literature. Thus, this proposal has shown its potentialities, such as the creation of the geographical imaginary, the study of place, and the possibility of thinking of the human condition. Therefore, connecting Geography and Literature in the teaching of Geography is a fruitful way to poeticize the classes as well as redefine the pedagogical practices aiming at a sensitive and humanizing formation in the school space.

Key words: Geography; Literature; Teaching.

ENTRE LO REAL Y LO IMAGINARIO ENTRELAZANDO GEOGRAFÍA Y LITERATURA A PARTIR DE LA OBRA «SATOLEP» DE VÍTOR RAMIL

Resumen

Este trabajo trata de las posibles relaciones que se pueden tejer entre Geografía y Literatura en el contexto escolar. A partir de la concepción de que ciencia y arte son complementarias, su articulación en el aula contribuye para la formación de personas capaces de leer el mundo críticamente en su complejidad. Mediante una revisión de bibliografía se elaboraron las consideraciones teóricas, así como se construyó un análisis de la obra «Satolep», de Vítor Ramil, con la intención de presentar una

proposição para la enseñanza de Geografía basada en la conexión entre Geografía y Literatura. Así, esta proposición hizo patente sus potencialidades como la creación del imaginario geográfico, el estudio del lugar y la posibilidad de pensar la condición humana. Por lo tanto, entrelazar Geografía y Literatura en la enseñanza de Geografía es un camino provechoso para poetizar las clases y resignificar las prácticas pedagógicas con vistas a una formación sensible y humanizadora en el espacio escolar.

Palabras-clave: Geografía; Literatura; Enseñanza.

Introdução

O presente texto, decorrente de uma pesquisa independente construída para a publicação nesta Revista, tem o intuito de relacionar Literatura e Geografia sem supervalorizar uma área em relação à outra. Para isso, além de uma revisão bibliográfica acerca da temática proposta que embasa as considerações teóricas aqui empreendidas, será analisada a obra intitulada “Satolep”, de Vitor Ramil, a fim de contribuir com uma proposição para o ensino de Geografia. Não se pretende elaborar um resumo ou resenha do livro, pois objetiva-se refletir sobre o imaginário que é produzido pelo mesmo. Mais que o imaginário, trata-se de uma Geografia do imaginário, uma vez que o romance se desenvolve em um determinado espaço, a cidade de “Satolep”, espaço este permeado de relações, conflitos e tensões que permite pensar a sociedade e a nossa existência, tarefa primordial da disciplina de Geografia. Por meio desta obra também é possível realizar em sala de aula o estudo do lugar a fim de que o aluno reconheça a sua Geografia e compreenda questões como pertencimento e identidade.

Desse modo, o objetivo deste artigo consiste em promover uma discussão concernente à relação entre Geografia e Literatura e suas possibilidades para o trabalho pedagógico nas aulas de Geografia no espaço escolar a partir de uma proposição-exemplo com a obra “Satolep” de Vitor Ramil. Busca-se apresentar uma perspectiva que não concebe a Literatura como apenas um instrumento a ser utilizado pelo professor para ensinar Geografia. Tem-se a pretensão de valorizar o que é próprio das obras literárias a fim de tornar o lúdico, o imaginário e o belo como elementos presentes no ensino. A partir disso, proporcionar trocas entre a Geografia e a Literatura, visando contribuir para a formação de alunos que sejam capazes de realizar uma leitura e compreensão do mundo de forma mais complexa.

Este escrito busca resgatar brevemente a história da Geografia acadêmica para que se compreenda o momento que a Literatura inseriu-se nos estudos geográficos. Assim, se discorrerá sobre as diferentes visões existentes acerca da relação entre Geografia e Literatura

e como estas se refletiram no ensino da disciplina na escola. Por fim, conforme supracitado, será apresentada uma proposta para as aulas de Geografia no ensino básico, a qual refere-se ao trabalho pedagógico com a obra “Satolep” e que vai ao encontro da visão defendida ao longo do artigo sobre a ligação entre Literatura e Geografia.

Por que Geografia e Literatura?

Este artigo se apropriou do livro “Satolep” para que sejam salientadas as relações que podem ser tecidas entre Geografia e Literatura. Aparentemente, referem-se a áreas extremamente distintas, uma vez que a Geografia é considerada uma ciência, ao passo que a Literatura é uma arte (ou expressão artística). No entanto, propõe-se que sejam ultrapassados estes limites de demarcação entre ciência e não ciência (FERRY, 2011), de maneira que Literatura e Geografia sejam consideradas uma para entender a outra, e vice-versa.

Parte-se do pressuposto de que “a utilização da literatura nas análises geográficas permite leituras outras de entendimento do espaço, pois os geógrafos terão como orientação analítica as ideias e percepções de quem autossignifica a espacialidade vivida cotidianamente.” (PINHEIRO, 2013, p. 191). Nesta perspectiva, o autor de um romance é um sujeito que realiza um processo de interação entre a sua existência com a espacialidade. Assim, a literatura, embora uma arte e uma ficção, também busca representar uma determinada realidade.

Ao considerar o literato como um sujeito que interage com o mundo, o mesmo, conseqüentemente, cria um mundo em sua obra. A espacialidade construída em sua narrativa passa a ter sentido para o leitor quando este, através do imaginário, estabelece relações com suas experiências espaciais. Dessa forma, o leitor passa a conceber esse espaço narrado como uma realidade, ampliando suas possibilidades de leitura de mundo. O leitor significa o texto literário quando projeta suas experiências espaço-temporais para a história narrada. Trava-se um diálogo entre o espaço criado pelo autor e o espaço vivido pelo leitor.

O geógrafo (seja licenciado ou bacharel), com sua formação destinada a analisar o espaço geográfico, permeado de contradições e incongruências, para compreender a sociedade, lê um romance sob esse viés. Isto é, a obra literária é explorada com o olhar dirigido à perspectiva espacial, salientando o conjunto de relações sociais que são tecidas no espaço retratado. Logo, a Geografia pode contribuir para uma leitura mais complexa da

narrativa, uma vez que se considera a dinamicidade do espaço e a relação entre sociedade e natureza.

É importante destacar que a ligação entre Geografia e Literatura não deve limitar-se à ideia de que uma obra é geográfica, porque há trechos que se referem ao relevo, à vegetação, ao clima daquele espaço onde se transcorre a história. Essa atitude empobreceria tanto a capacidade da Geografia, quanto a da Literatura em possibilitar leituras de mundo. Nessa perspectiva, apresenta-se a visão de uma Geografia Tradicional, descritiva, fragmentada e classificatória, de maneira que há uma supervalorização dos aspectos físico-naturais, além de estarem desvinculados dos aspectos sociais. Da mesma forma, critica-se a ideia de que a Literatura constitui apenas uma ferramenta para propiciar a identificação de elementos geográficos. Exclui-se o seu valor primeiro, sua linguagem poética, o belo, a imaginação. Segundo Ferraz (2011):

Em casos como esses, que são a maioria das experiências de contato entre esses dois discursos, não se possibilitam diálogos, mas sim um estreitamento da variedade de significações possíveis em prol da exemplificação de uma dada concepção de Geografia, restando ao texto literário apenas a sua confirmação. A Literatura se empobrece e se subsume a uma Geografia de forte demarcação física. (FERRAZ, 2011, p. 21).

O autor acrescenta que, a partir dos anos 70 do século XX iniciaram-se na Europa, Canadá e EUA as primeiras tentativas de renovar esse contato entre Literatura e Geografia. Tal discussão foi introduzida pelas correntes culturalistas e humanistas da Geografia, fundamentadas na fenomenologia. Buscava-se um diálogo que permitisse uma troca entre esses dois discursos, de maneira que os fundamentos e a linguagem de cada um fossem respeitados. Pretendia-se conservar as suas especificidades, ressaltando que a Literatura é uma arte e a Geografia constitui uma ciência (FERRAZ, 2011).

A nova abordagem que se visava empreender não se detinha aos elementos naturais abordados nas obras literárias. Estas se tornaram objetos de investigação para os geógrafos humanos, pois tratavam também dos estilos de vida, do cotidiano, das características sociais, culturais, históricas e econômicas de determinado lugar. Desenvolveu-se uma nova visão de Geografia e uma outra forma de relação com a Literatura. No contexto hodierno, ainda busca-se destacar que, com os seus romances, “os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim

posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana.” (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p. 8).

Ao pensar acerca da condição humana, a Literatura provoca a reflexão sobre a questão existencial. Eis aqui um ponto fundamental para traçar um vínculo claro com a Geografia. Refletir sobre a sua existência, é refletir sobre si mesmo, isto é, a sua Geografia, a sua primeira Geografia. Nesse sentido, Kaercher (2007) corrobora que a Geografia “é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de ‘lerpensar’ filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia a dia, [...]” (KAERCHER, 2007, p. 16). E a Literatura, não faz o mesmo?

Em âmbito acadêmico, a Geografia Cultural se apropriou dessa possibilidade de estabelecer diálogos entre Literatura e Geografia. Isso é extremamente válido, à medida que outras áreas (como a Literatura), consideradas não científicas, fornecem contribuições para a reflexão geográfica. A análise da interpretação do real elaborada pelo autor literário, bem como a geograficidade presente nas obras tende a enriquecer o debate geográfico. Contudo, é preciso ressaltar que a ligação entre Geografia e Literatura pode e deve ultrapassar os muros da universidade. Isso quer dizer que essa é uma alternativa profícua a ser trabalhada no ensino de Geografia na educação básica.

Ensino de Geografia e Literatura: tramas possíveis

O ensino de Geografia, embora existam algumas exceções, ainda é marcado pela memorização e reprodução de conteúdos. A disciplina escolar é caracterizada por uma fragmentação dos conhecimentos, principalmente com a clássica dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana. Trabalha-se primeiramente a natureza, os aspectos físicos do meio (relevo, clima, vegetação, hidrografia). Em outro momento, discute-se sobre população e, por último, é resgatada a economia. Esse modelo, denominado por Moreira (2011) de N-H-E (natureza-homem-economia), foi alvo de inúmeras críticas a partir dos anos 70 do século XX, elaboradas pelo movimento de renovação da Geografia. Entretanto, o debate e os avanços na ciência geográfica restringiram-se ao âmbito acadêmico, de modo que este modelo ainda predomina no ensino básico. De acordo com Castrogiovanni (2014, p. 90), “acreditamos que mesmo neste início de século a Geografia Crítica apresenta-se não consolidada no ensino.” Imagine, então, a Geografia Cultural!?

Nesse sentido, a Geografia na sala de aula ainda baseia-se na descrição e classificação dos fenômenos. Prevalece um ensino enciclopédico, em que são transmitidas informações descontextualizadas e desvinculadas à realidade para os alunos. Sim, trata-se de transmissão, da ideia de educação bancária de Freire (2005) e não a construção do conhecimento. O questionamento, a dúvida, o diálogo são elementos pouco presentes no ensino da disciplina. Conforme Goulart (2011, p. 20), “estamos formando gerações de ‘analfabetos geográficos’”. Para a autora, os alunos sabem muito pouco de Geografia, até mesmo desta Geografia baseada na memorização.

Assim, consolida-se a visão de uma Geografia que não faz sentido para a vida do aluno. Uma Geografia cinza, sem graça, sem utilidade e sem importância. Os alunos raramente são provocados, estimulados ao diálogo, instigados à reflexão e desenvolvem um sentimento de rejeição à disciplina. Os professores, por sua vez, tendem a sentirem-se frustrados, pois ao desinteresse dos alunos acrescentam-se as péssimas condições de trabalho, a estrutura precária da escola, os baixos salários. Por conseguinte, a aula não é produtiva e não enriquece a formação de nenhum dos sujeitos envolvidos em grande parte das vezes. Logo, torna-se premente que se elaborem alternativas para superar esse quadro. Desse modo, este trabalho propõe que a Literatura esteja inserida, em algum momento, no ensino de Geografia. Segundo Kaercher (1999, p. 29), “nós, ao longo da vida – fruto, dentre outros, de uma escola autoritária – vamos perdendo a condição de aprendizes, curiosos e passamos, à medida que o tempo flui, a ficarmos mais calados e passivos. Perdemos a poesia e a utopia.”. Por que não tornar a Literatura uma aliada para recuperar a poesia e a utopia na escola e no ensino de Geografia?

Este é um questionamento importante para a reflexão. Mas, de imediato, busca-se esclarecer que, no ensino de Geografia, a Literatura deve ser uma aliada. Ou seja, pretende-se desmistificar a visão utilitarista da Literatura para o ensino dos conteúdos geográficos. Dessa maneira, propõe-se que esta arte não se restrinja a uma mera técnica para ensinar e aprender Geografia. Nesse sentido, “ressaltamos, porém, que o objetivo não é tornar a Literatura apenas pedagógica, deixando de lado o seu valor ficcional e estético e sim buscar o prazer, o lúdico aliado a um pensamento crítico.” (MORAES; CALLAI, 2013, p. 133).

Tem-se o intento de pensar a Literatura a partir de um outro viés. Não se trata de tornar as obras literárias a serviço da Geografia e do seu ensino. Parte-se da perspectiva de que a Literatura não é um meio para ensinar Geografia, assim como os conhecimentos geográficos não são o fim do processo pedagógico. A preocupação do professor de

Geografia no Ensino Fundamental e Médio não é formar especialistas em Geografia, mas sua preocupação deve consistir em formar sujeitos de sua história, cidadãos críticos e autônomos. Para tanto, o conteúdo da disciplina é importante, mas deve apresentar significado e representar o caminho por onde percorre o ensino de Geografia.

Por conseguinte, o início e o fim do processo de ensino e aprendizagem é o próprio aluno. Isto é, partir do aluno, dos seus conhecimentos prévios, considerar suas vivências e ambiências para promover discussões e desenvolver conhecimentos geográficos que ultrapassem o senso comum. Neste ínterim, deve-se desacomodar, desequilibrar e provocar o educando a fim de que realize um amadurecimento intelectual e pessoal. Kaercher (2014, p. 171) destaca a necessidade de provocar no processo pedagógico uma tensão cognitiva, isto é, “onde inexistente tensão, mas também há pouco desejo de aprender, há pouco espaço para a perplexidade, isto é, o aluno não se surpreende, não se motiva.” Assim, tem-se o intuito de que ao final do processo tenha se contribuído para a formação de um aluno criativo, questionador e reflexivo. Nesse ponto, a Literatura exerce um papel fundamental ao estimular a imaginação, a criatividade e a reflexão.

Assim como foi mencionado anteriormente de que as primeiras pesquisas que buscavam associar Geografia e Literatura no espaço acadêmico limitavam-se a ligações mecânicas, de modo que os textos literários eram utilizados para identificar elementos geográficos (elementos estes característicos de uma concepção de Geografia pautada no naturalismo exacerbado, na descrição e classificação dos fenômenos), o mesmo ocorre com o ensino de Geografia. Em geral, utilizam-se livros de literatura diretamente relacionados ao conteúdo que o professor deve trabalhar obrigatoriamente, pois faz parte do projeto de ensino da disciplina.

O que se verifica no espaço escolar é a literatura como um recurso. Ou seja, em vez de ler no livro didático a parte que trata do relevo do Brasil ou fazer os alunos copiarem do quadro verde/branco a definição e classificação da geomorfologia brasileira, adota-se um texto literário que, em algum momento, aborde esta temática. Dessa forma, a Literatura está somente servindo às aulas de Geografia para trabalhar determinado assunto. De acordo com Silva e Barbosa (2014), A obra literária não deve ser concebida como mera ilustração para o ensino de Geografia, mas sim como resultados de processos geográficos, culturais, históricos, sociais, políticos e econômicos. Por conseguinte, estabelecer uma relação dialética entre Literatura e Geografia no ensino básico representa uma possibilidade para a ampliação da

interpretação do mundo. Isso porque a linguagem literária traz uma espacialidade, entendida como uma totalidade resultante da interconexão de diferentes processos.

Destarte, busca-se ampliar os horizontes entre Geografia e Literatura. Abandonar a visão um tanto fechada de uma concepção tecnicista de educação e abrir-se para novas possibilidades no ensino da disciplina. O que se pretende destacar consiste na ideia de que a Literatura tem um valor em si. Um romance pode desencadear diversas reflexões que não se resumem a tópicos específicos do livro didático ou do currículo da disciplina. A Literatura pode propiciar discussões com a turma acerca do espaço como construção social, das relações de poder, da condição humana, da diferença entre classes, da intolerância, do compromisso político e social de cada sujeito. São questões amplas, geográficas também, mas não somente, visto que se tratam de questões do cotidiano, de problemas globais. Nesse sentido, busca-se encontrar possíveis alternativas para superar o problema, do qual alerta Morin (2011):

A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. (MORIN, 2011, p. 33):

A Literatura permite compreender a Geografia, bem como esta facilita o entendimento da primeira. Além disso, ambas contribuem para a construção da leitura de mundo do educando. Logo, defende-se a ideia de travar uma relação ainda mais complexa entre Geografia e Literatura em sala de aula a fim de que se efetivem práticas que possibilitem pensar a condição humana. Não é preciso ao professor preocupar-se exageradamente em encontrar onde está a Geografia, o conteúdo, o conceito geográfico em uma obra literária. O principal é desvendar o caráter ontológico da obra, pois, ao perceber isto, a Geografia já estará imbricada neste processo.

A Literatura presente na sala de aula interessa e é interessante, pois um texto literário desdobra múltiplos significados. Sua interpretação varia para cada leitor, visto que depende da subjetividade de cada um. Dessa maneira, cada aluno irá interpretar a obra de uma forma diferente, tendo em vista que a Literatura, por meio de sua linguagem característica, permite distintos olhares e compreensões. Logo, dependendo de suas experiências, suas ambiências, o contexto em que vive, o educando formará opiniões e se posicionará em relação ao texto

de modo distinto em relação ao seu colega. Assim, é possível trabalhar a possibilidade de diferentes pontos de vista, a existência da divergência como algo positivo e o respeito ao outro, ao diferente.

Conceder espaço para essa subjetividade de cada um em sala de aula é extremamente importante. Nesse sentido, a Literatura ressalta o subjetivo, resgata a individualidade de cada educando para as aulas, o que, conseqüentemente, quebra, de certa forma, com a homogeneização predominante no espaço escolar. Ao possibilitar múltiplas interpretações, os textos literários permitem que se estabeleça em aula um diálogo de diferentes ideias, a reflexão em grupo. Isso tende a movimentar a turma, tornar o ensino menos mecânico e os alunos menos passivos durante as aulas, além de fazer com que o processo de ensino-aprendizagem tenha significado para os mesmos, pois conta com a participação dos sujeitos. Também abre-se um espaço para o debate e considera-se as especificidades de cada um, onde devem ser respeitados as diferentes visões e posicionamentos.

Esse momento é essencial para a formação dos educandos. Como trabalhar Geografia que trata do mundo, da realidade social a partir da categoria de espaço, se o que é desenvolvido em sala de aula é totalmente diferente do que se passa do outro lado da janela? A escola, muitas vezes, nega as diferenças entre os alunos, desconsidera as identidades, porém esquece-se que a sala de aula é uma microescala da sociedade. Nesse sentido, a relação entre Geografia e Literatura tende a contribuir, uma vez que possibilita o estudo do lugar, a dimensão espacial dos afetos, identidades e pertencimentos. Como salienta Costella e Schaffer (2012):

O estudo do lugar e o discernimento, pelo aluno, de que pertence a ele favorecem a compreensão de sua identidade. [...] Quando, em sala de aula, insistimos em ensinar Geografia sem reconhecer a geografia do lugar do aluno, sacrificamos uma fase do reconhecimento de relações. (COSTELLA; SCHAFFER, 2012, p. 53):

A negação das diferenças, das identidades e subjetividades se repercute na negação da Geografia de cada sujeito. Assim, não se prepara o aluno para a vida, tendo em vista que o contexto contemporâneo é marcado por um todo complexo, por diferentes mundos, diferentes identidades, diferentes classes sociais e diferentes realidades. Trazer a reflexão existencial para o centro das preocupações no contexto do ensino de Geografia na escola é assumir um comprometimento com a valorização e reconhecimento da constituição

individual e, ao mesmo tempo, coletiva dos sujeitos. O vínculo entre Geografia e Literatura favorece este processo, o que implica na qualificação da formação humana.

Outro ponto que deve ser destacado, além da questão da subjetividade, é o imaginário que é produzido pela obra literária. Indubitavelmente, o imaginário compreende um elemento cada vez mais necessário na formação do aluno. O imaginário criado pela obra é o que prende o leitor e que traduz o encantamento propiciado pela Literatura. Pensar a Literatura remete à presença forte do imaginário, o que justifica a importância de estar presente no ensino, seja da disciplina que for. Destarte:

Reafirmamos, [...], o quanto a Literatura contribui na formação do sujeito, pois ela nos remete a muitas possibilidades e nos auxilia no desenvolvimento do pensamento. O imaginário é elemento indispensável na significação do texto, e diríamos mais, na vida, pois o mundo real é menos que o mundo da imaginação. (MORAES; CALLAI, 2013, p. 147).

Por intermédio do imaginário inerente aos textos literários, é possível estimular a criatividade e reflexão dos educandos. Por conseguinte, observa-se muitas dificuldades na escrita destes, visto que a criação e inovação são pouco instigadas em sala de aula. Mais que isso, a Literatura promove no sujeito o exercício da imaginação, de pensar o mundo fictício, o belo, o irreal. O encantamento e a escrita poética da obra literária é propícia para instaurar um clima mais leve e agradável na sala de aula. Isso porque resgata uma questão de profunda importância para o desenvolvimento do processo educativo, qual seja: a sensibilidade. Segundo Silva (2017, p. 58), “o real é a prosa, enquanto o imaginário é a poesia do cotidiano. O real expressa o céu cinzento, enquanto o imaginário transforma as nuvens em utopia”. Uma relação professor-aluno tensa, autoritária e ríspida somente dificulta o processo de construção do conhecimento, pois produz um distanciamento entre os sujeitos envolvidos. É preciso que o educador tenha sensibilidade no seu fazer pedagógico, não somente na relação professor-aluno, instigando o diálogo, mas também na maneira como aborda os conteúdos. Salienta-se que o professor deve preocupar-se em alcançar um equilíbrio entre razão e emoção a fim de que não limite seus alunos a desenvolverem um olhar fechado, restringido ao mundo científico, racional apenas.

Apesar de o imaginário da obra literária ser importante de ser explorado em toda e qualquer disciplina, este artigo caracteriza-se por uma preocupação com o ensino de Geografia. Cabe ressaltar que há um vínculo especial entre este imaginário e a Geografia. Ou seja, toda obra literária refere-se a um contexto, a uma sociedade, à ocorrência de

acontecimentos entre os personagens. Isso produz ao leitor um imaginário social, o que está associado à realidade apresentada na história. Este imaginário social, por sua vez, é também um imaginário geográfico (SILVA JÚNIOR, 2001).

Não se pode dissociar o imaginário social do imaginário geográfico, uma vez que o espaço é uma construção social. Moreira (2009, p. 75) esclarece que “o espaço é a sociedade pelo simples fato de que os homens produzem sua existência produzindo o espaço. É a sociedade porque é condição de existência dos homens na história”. Logo, o texto literário cria no leitor um imaginário geográfico. Assim, depreende-se a existência de uma Geografia do imaginário que pode ser construída em sala de aula e provocar discussões e reflexões geográficas a partir da Literatura.

Satolep: contextualizando autor e obra

Primeiramente, é preciso contextualizar o autor para que se evite equívocos no tratamento de sua obra. Vitor Ramil, autor do livro, é cantor, compositor e escritor. É reconhecido nacionalmente e internacionalmente mais como músico do que como escritor. Nasceu em Pelotas (município da região sul do Rio Grande do Sul), em abril de 1962 e é irmão dos músicos gaúchos Kleiton e Kledir. No início dos anos 80 do século XX, Vitor gravou seu primeiro disco. Contudo, somente a partir dos anos 90 é que passou a dedicar-se à literatura, além da música. Em 1995, lançou seu primeiro livro, “Pequod”. Em 2004, lançou seu segundo livro, “A estética do frio”, que teve repercussão no Brasil, no Uruguai e na Argentina. “Satolep” foi lançado em 2008, após oito anos de trabalho do autor na construção desta obra. Cabe salientar que além do livro, compôs uma música de mesmo nome (RAMIL, 2013).

Sua obra literária caracteriza-se por abordar questões relacionadas ao sul do Brasil e à sua identidade. Isso porque foi nos anos 90 que Vitor Ramil deixou o Rio de Janeiro para voltar a viver no Rio Grande do Sul. Nesse momento, o autor passou a refletir sobre as características peculiares do sul do país e sua relação com os países latinos. Na música, realizou parcerias com Jorge Drexler, Fito Paez, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Lenine, Chico César, Mercedes Sosa, Zizi Possi, Gal Costa, entre outros.

“Satolep” foi escolhida para ser analisada neste texto, pois para alguns pelotenses (onde se inclui a autora deste), em especial, constitui uma obra que permite (re)pensar sua cidade, seu lugar, seu espaço de vivência. É importante esclarecer que Satolep é palíndromo

de Pelotas, isto é, representa a palavra Pelotas invertida. Desse modo, há um envolvimento maior na leitura realizada por um leitor pelotense, visto que são citados grandes personalidades e pontos específicos da cidade. O livro é marcante, pois apesar de ser uma narrativa, uma ficção, revive-se uma memória, o passado de uma cidade, ao mesmo tempo em que é possível estabelecer relações com o presente da mesma. Apesar do lócus onde se passa a história seja Pelotas, pode-se relacionar com outros contextos, outros espaços. Cada leitor terá uma interpretação, pois varia conforme a subjetividade de cada sujeito.

“Satolep” e a Geografia

Cabe destacar que “Satolep” é uma obra que apresenta um caráter profundamente espacial. Esta afirmação não se apoia unicamente ao título do livro, mas está associada ao fato de que toda a história transcorre em um determinado espaço. Mas isso não é novidade! Toda a história se passa em um contexto espacial. No entanto, em “Satolep” o espaço assume um papel de destaque. É fundamental que se atente para o espaço retratado na obra a fim de que se compreenda o personagem principal e o desenrolar da história.

Deve-se esclarecer que no livro, Satolep não significa Pelotas, esta que existe. Satolep não é uma Pelotas real, mas inventada pelo autor. É uma outra visão. Ao mesmo tempo, é composta por lugares e pontos característicos da cidade real. O personagem principal retorna à Satolep, sua cidade natal, quando completa trinta anos e a partir disso, o lugar o faz pensar sua existência, sua identidade, seu pertencimento. Eis aqui questões extremamente pertinentes para se discutir nas aulas de Geografia.

Contudo, a obra também permite a reflexão concernente a temas mais amplos e não tão específicos da Geografia. Pretende-se que estes também sejam considerados e dialogados em sala de aula, pois parte-se do pressuposto que na escola de ensino básico “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão.” (MORIN, 2008, p. 65). Dessa forma, estudar a condição humana abrange todas as áreas do conhecimento e, dentre elas, a própria Geografia.

No livro, há um trecho que propicia inúmeras reflexões:

Ao alcançarmos a ponte de ferro sobre o Canal de São Gonçalo, o passageiro que viajava ao meu lado apontou para a paisagem das cercanias – clara em toda a sua extensão, ainda que uma névoa rasteira começasse a

se formar em alguns pontos -, a superfície espelhada que íamos transpor, o verde regular da pastagem na margem direita, o pontilhismo de uma pequena manada, a face e o perfil dos prédios destacados contra o céu oriental, e disse: ‘O frio geometriza as coisas’. Desembarquei com a frase do companheiro de viagem na cabeça. O frio e as coisas: um desejo de maturidade e um desejo da infância se encontravam na plataforma da Estação Satolep. (RAMIL, 2008, p. 20).

Percebe-se claramente o imaginário produzido pela obra, pois à medida que se lê, imediatamente o leitor constrói as imagens da paisagem descritas pelo autor. Isso faz com que o aluno realize o exercício de visualizar mentalmente o que está lendo, o que contribui para desenvolver sua capacidade criativa. Ultrapassa-se a ideia da Literatura ser adotada somente para trabalhar um determinado conteúdo da disciplina. Destaca-se ainda neste trecho o conceito de paisagem, eminentemente geográfico, em que se pode conceber “a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito” (SUERTEGARAY, 2001, p. 5). Além disso, é tratado sobre a sensação do frio, característica da condição climática do sul do Brasil, e que remete o sujeito a um determinado espaço e a algumas lembranças.

Um exemplo de uma problemática de dimensão maior, a qual aparentemente não parece ser tão geográfica, apresenta-se a seguir: “aproximei-me das vidraças do café Aquário, [...]. Eu nunca entrara lá. Minha mãe também não. O pai dizia não ser apropriado para mulheres e crianças.” (RAMIL, 2008, p. 37). Em Pelotas, o Aquário é um café famoso, tradicional, frequentado predominantemente por homens das classes mais abastadas que se reúnem para conversar sobre o quadro político da cidade e assuntos que, muitas vezes, são ocultados da mídia para favorecer as elites. Este trecho traduz a questão de gênero, bem como as relações de poder que estão presentes em um espaço. Como argumenta Moraes e Callai (2013, p. 147), “também é possível perceber que o lugar tem relação de poder, que acua quem não o domina”.

A obra apresenta uma frase que pode desencadear um debate produtivo nas aulas de Geografia. Consiste na seguinte citação: “O homem faz a cidade, a cidade faz o homem” (RAMIL, 2008, p. 46). Aqui está explícita a relação dialética entre sociedade e natureza. Denota-se o processo de produção e organização do espaço, assim como as interferências deste no próprio sujeito produtor. O espaço é entendido, como aponta Corrêa (2012), como o lócus de reprodução da sociedade. Nesta perspectiva, Santos (2008, p. 151) considera que “o espaço geográfico é também o espaço social.” Por isso, não é possível dissociar o espaço da sociedade, do sujeito que o constrói.

Além disso, trata-se de cidade, uma escala local. O conceito de lugar surge no sentido de relacionar-se ao vivido, ao experienciado. A produção do espaço pelo ser humano tem implicações em sua vida. De acordo com Carlos (1996, p. 116), “o sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida”. Logo, a cidade, que é um elemento tão marcante na obra, é destacada como um lugar relacionado ao cotidiano do sujeito, onde promove suas ações, porém não é concebido como um palco, um receptáculo destas. Diz respeito ao lugar que também incide sobre sua vida, seus comportamentos, suas relações, suas atitudes.

Nesta implicação mútua entre homem e cidade, pode-se introduzir a reflexão concernente à importância que cada um concede a um determinado lugar em função do seu valor simbólico, afetivo. Pode-se dialogar com os educandos sobre o sentimento que nutrem por um lugar, seja este qual for, sua cidade, seu bairro, sua escola, sua casa. Esta ligação de sentimento com lugar, o que é claramente retratado em “Satolep”, relaciona-se ao termo “topofilia”, elaborado por Tuan. Segundo o autor, “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” (TUAN, 1980, p. 5). Há lugares que possuem um significado especial, pois emergem estes sentimentos topofílicos.

Desta dimensão afetiva do lugar, percebe-se a conexão entre a Geografia e a ontologia. Isso é ratificado na obra por meio da afirmação: “Às vezes o lugar onde queremos chegar fica exatamente onde estamos, mas precisamos dar uma longa volta para encontrá-lo.” (RAMIL, 2008, p. 50). O que é isto, senão uma questão profundamente existencial? Pensar o que se é, o que se deseja ser, o que se quer remete ao estar. Visa-se encontrar um lugar para encontrar a si mesmo ou encontrar-se primeiro para depois saber-se no lugar? O que somos, o que pretendemos ser é também onde estamos ou onde buscamos estar. Assim, é inerente à Geografia refletir sobre nossa existência e a escola constitui um espaço apropriado para promover estas reflexões. De acordo com Cavalcanti (2009, p. 148), “o estudo do Lugar permite inicialmente a identificação e a compreensão da geografia de cada um, o que é básico para a reflexão sobre a espacialidade da prática cotidiana individual e social.”

Cabe ressaltar ainda que o lugar apresenta ligação com a construção da identidade de cada um. O sujeito forma sua identidade no contexto local e estudar o lugar em sala de aula também fortalece a ideia de pertencimento. Nesse sentido,

Ao aprender a pensar a sociedade materializada/concretizada no espaço, e considerando a escala social de análise, pode-se a partir do Lugar

descobrir o mundo, ao mesmo tempo em que se reafirma a identidade e o pertencimento de cada um de nós. (CALLAI, 2009, p. 188).

O estudo do lugar ressalta a identidade e o sentimento de pertencimento do aluno, mas também auxilia na leitura do global. Os acontecimentos em escalas maiores, como em nível nacional, global, se manifestam no local. Isso permite com que o professor de Geografia possa trabalhar com o lugar do aluno e, a partir disso, ampliar a escala. Ou seja, a partir do lugar pode-se estabelecer relações com os demais níveis escalares a fim de compreender o mundo. Dessa forma, as especificidades, o único, o heterogêneo do local não serão desconsiderados.

A obra também é rica, visto que esclarece o significado de Pelotas, em que explica o porquê do nome desta cidade: “Da calçada, lia-se PELOTAS. Assim chamavam-se as pequenas embarcações de couro que os índios, primitivos habitantes deste lugar, utilizavam para se locomover entre tanta água.” (RAMIL, 2008, p. 64). Embora o livro refira-se à Satolep e não se detenha a reproduzir uma Pelotas real, em diversas passagens é possível perceber as referências diretas a esta cidade. Isso permite ao leitor o conhecimento de alguns aspectos deste município do sul do Estado gaúcho. Logo, observa-se um limite tênue entre o real e o imaginário existente na relação Satolep-Pelotas.

Na sequência, o autor faz uma abordagem acerca da história da cidade, de sua gênese: “Esta cidade foi construída por mão escrava. As grossas paredes, erguidas para proteger os brancos, guardam o espírito dos negros em seus tijolos.” (RAMIL, 2008, p. 73). Refere-se à constituição da cidade por meio do trabalho escravo, ou seja, através da exploração da mão-de-obra negra. Salienta a presença dos negros escravos na construção da cidade, bem como suas contribuições no que diz respeito à cultura local. No livro, é ressaltado que em um determinado momento havia uma população de negros maior do que a de brancos na cidade e que esses escravos enriqueceram materialmente a sociedade, além de deixarem como herança um patrimônio cultural e espiritual, destacando o carnaval como uma destas manifestações.

Há a referência a algumas paisagens da cidade que atualmente encontram-se totalmente transformadas, assim como outras permanecem como antigamente, da mesma forma que é retratada na história. Quanto a estas paisagens atuais que representam um tempo passado, pode-se associar com o termo “rugosidade” de Milton Santos, ao afirmar que “chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído.” (SANTOS, 2009, p. 140).

Em “Satolep”, há uma passagem que trata do passado de Pelotas no que concerne às atividades econômicas predominantes: “Os aromas da várzea inundada continuavam nos caminhos de pedra. Misturados aos odores de soja e café e às emanações de telhados e porões, formavam o cheiro típico de Satolep – quando o vento não trazia a podridão das charqueadas e dos curtumes.” (RAMIL, 2008, p. 203). Destaca-se a importância das charqueadas para a história da cidade, tendo em vista que os tempos áureos de Pelotas, no século XIX, se devem à produção de charque, que a tornou reconhecida nacionalmente. No contexto hodierno, as charqueadas assumem uma outra função, pois como não funcionam mais, são exploradas pelo turismo e como espaço para a realização de eventos.

A partir disso, pode-se desencadear um diálogo com os estudantes sobre o fato de um mesmo espaço apresentar importância e funções diferentes ao longo do tempo, como ocorre com as charqueadas, refuncionalizadas para o tempo atual. Outra questão que se pode extrair deste trecho citado está ligado ao cheiro, visto que a citação trata dos aromas que remetem a determinados lugares. Por isso, além de estimular a imaginação dos estudantes, este livro pode propiciar ao professor de Geografia trabalhar com a Geografia do cheiro, como propõe Costella (2013). A autora esclarece que “os espaços ausentes podem ser lembrados por diversas sensações inclusive pelo cheiro. O cheiro pode lembrar um espaço ausente já vivido ou um espaço ausente nunca vivido.” (COSTELLA, 2013, p. 69).

Por fim, é preciso destacar um trecho exposto na obra que elucida o belo e o encantamento pela cidade:

Segundo o outono, o destino de Satolep estava nu: a cidade morreria emulando a natureza, transformando o belo em belo, inevitavelmente. Eu deambulava todos os dias, os dias inteiros, sem pressa, sem bater uma foto sequer, apesar da beleza que me rodeava. Quanta beleza eu vi... (RAMIL, 2008, p. 274).

Observa-se claramente a linguagem poética empregada e a exaltação da cidade Satolep feita pelo personagem principal. Ao longo da narrativa, nota-se a identificação do personagem com a cidade, pois sua memória floresce na sua relação com o espaço. O que impulsiona o romance é justamente que, por meio desta relação com a cidade, o narrador busca a si mesmo. Isto é ratificado pelo fato de o personagem ser um fotógrafo e o livro estar repleto de fotos antigas de Pelotas. É interessante o paralelo que o autor estabelece entre a história, os devaneios existenciais do protagonista e as fotografias.

Portanto, cabe reafirmar diversos temas, conceitos e objetos do conhecimento do componente curricular de Geografia que podem ser explorados em sala de aula a partir desta

proposta. Conforme explicitado, destacam-se: lugar, identidade, pertencimento, paisagem, topofilia, geografias do corpo (questões de gênero), produção social do espaço geográfico, urbano, cidade e suas atividades econômicas. Por estes exemplos e motivos apresentados ao longo deste artigo, “Satolep” é uma obra literária valiosa para o ensino de Geografia regional que se reivindica reflexivo.

Considerações finais

Depreende-se que a escola representa um espaço propício para integrar diferentes áreas, consideradas científicas ou não. A Literatura é uma arte que, muitas vezes, é marcada pela fantasia, pelo surreal, mas que também retrata a realidade e possibilita leituras de mundo de forma mais plural e complexa. Nesse sentido, propõe-se a interrelação entre Geografia e Literatura com o intento de desenvolver um ensino que deixe de ser caracterizado por atividades mecânicas, reprodutivistas e desmotivadoras.

Trabalhar com a obra “Satolep” de Vitor Ramil compreende uma alternativa a ser desenvolvida no ensino de Geografia. Isso porque se destaca a relação do personagem com a cidade e a busca pelo entendimento de si próprio, de sua Geografia. O que justifica a relevância desta obra é possibilitar o estudo do lugar a fim de que haja uma aproximação da Geografia escolar com a Geografia do cotidiano dos educandos. A Geografia do cotidiano representa a dimensão do espaço vivido e, ao ser trabalhada e articulada com os aportes da disciplina escolar, torna o ensino mais significativo aos alunos. Assim, torna-se possível desenvolver uma Geografia viva, que faça sentido e instigue o sujeito a pensar sua existência e se posicionar no mundo de forma crítica e reflexiva.

Portanto, a Literatura possibilita a realização de uma Geografia do imaginário em sala de aula. Esta pressupõe uma quebra nas barreiras entre ciência e arte. Não se pode conceber a Literatura como uma mera ferramenta para introduzir conteúdos geográficos. As obras literárias têm um valor em si e devem fazer parte do processo educativo. Assim como a Literatura, pode ser a música, a pintura, a fotografia. O objetivo maior é contribuir para a formação de sujeitos criativos e autônomos e desenvolver um ensino de Geografia marcado pela sensibilidade e o belo. Que tal buscar a Literatura para poetizar as aulas de Geografia e o cotidiano dos sujeitos?

Referências

CALLAI, Helena Copetti. O lugar e o ensino-aprendizagem da Geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La espesura del lugar:** reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo. Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, p. 171-190.

CARLOS, Ana Fana Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Subir aos sótãos para descobrir a Geografia. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; TONINI, Ivaine Marina; GOULART, Lígia Beatriz. **Ensino de geografia no contemporâneo:** experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 85-101.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La espesura del lugar:** reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo. Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, p. 135-151.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 15-47.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHAFFER, Neiva Otero. **A Geografia em projetos curriculares:** ler o lugar e compreender o mundo. Erechim: Edelbra, 2012.

COSTELLA, Roselane Zordan. Movimento para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Orgs.) **Movimentos no ensinar geografia.** Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2013, p. 63-74.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Literatura e espaço: aproximações possíveis entre arte e geografia. In: SOUZA, Adáuto de Oliveira [et. al.]. **Transfazer o espaço:** ensaios de como a literatura vira espaço e vice-versa. Dourados: Ed. UFGD, 2011, p. 11-58.

FERRY, Luc. Ciência e ‘não ciência’: a questão do critério de demarcação. In: FERRY, Luc; VINCENT, J-D. **O que é o ser humano?** Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOULART, Lígia Beatriz. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de Geografia. In: TONINI, M. I.; GOULART, L. B.; MARTINS, R. E. M. W.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 19-27.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de geografia.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e enterderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson;

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Orgs). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 15-33.

KAERCHER, Nestor André. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica.** Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. Literatura e Geografia em uma proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva. **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas.** Curitiba: CRV, 2013, p. 133-152.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?:** por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda. Geografia e literatura: uma reflexão. **Geosul.** v. 23, n. 46. Florianópolis, p. 7-32, jul./dez. 2008.

PINHEIRO, Robinson Santos. Entre o espaço e a criação literária. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva. **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas.** Curitiba: CRV, 2013, p. 189-199.

RAMIL, Vitor. **Satolep.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMIL, Vitor. **Vitor Ramil – Songbook.** Caxias do Sul: Belas-Letras, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento: o que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação.** Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA JÚNIOR, Otoniel Fernandes da. Por uma Geografia do Imaginário: percorrendo o labiríntico mundo do imaginário em uma perspectiva geográfica cultural. **Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário.** Rondônia, ano 1, n. 3. out./dez., 2001.

Entre o real e o imaginário: entrelaçando Geografia e Literatura a partir da obra de “Satolep” de Vitor Ramil. Victória Sabbado Menzes; Nestor André Kaerber.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, mar/2014, p. 80-89.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. In: Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. n. 93, jul., 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

Submetido em: novembro de 2020.

Aceito em: janeiro de 2022.